

II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



Representação de corpo e práticas de saúde por meio de grupos sociais virtuais de aplicativos de mensagens

Kariani de Almeida Leite¹

kari-edf@hotmail.com

Universidade do vale de Itajaí

RESUMO. Esta pesquisa explora as representações de corpo e saúde feminina em um grupo social virtual de aplicativo de mensagens, sob a perspectiva dos Estudos Culturais. Nosso objetivo é compreender por que práticas culturais de representação se constroem os significados de corpo e de saúde das mulheres participantes do determinado grupo. Utilizando uma abordagem qualitativa e entrevistas semiestruturadas, examinamos o material com base nos conceitos de representação cultural. Nossas análises revelam a instabilidade do corpo e sua constante reconstrução, moldada pelas práticas culturais contemporâneas. Observamos que o corpo está intrinsecamente ligado a noções de saúde, história, marcas e identidades, e que as dicotomias do corpo/modelo, corpo/saudável ou corpo/projeto são influenciadas por diversas práticas culturais. Ao analisar as falas das participantes identificamos que a cultura nos mostra o quanto os modos de vida são construídos e reconstruídos e permite entender os emaranhados entre gênero, cultura, corpo e saúde, como essas construções culturais traduzem e definem as representações de saúde feminina. Incidimos, ao fim, a compreensão das representações culturais do corpo, da saúde no contexto digital contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: **Palavras-chave:** Corpo Feminino; Representações Culturais; Saúde; Grupos Sociais Virtuais; Educação Física.

ABSTRACT. This research explores the representations of the female body and health in a virtual social group on a messaging application, from the perspective of Cultural Studies. Our objective is to understand why cultural practices of representation construct the meanings of body and health of women participating in a given group. Using a qualitative approach and semi-structured interviews, we examined the material based on the concepts of cultural representation. Our analyzes reveal the instability of the body and its constant reconstruction, shaped by contemporary cultural practices. We observed that the body is intrinsically linked to notions of health, history, brands and identities, and that the dichotomies of body/model, body/healthy or body/project are influenced by different cultural practices. When analyzing the participants' statements, we identified that culture shows us how ways of life are constructed and reconstructed and allows us to understand the entanglements between gender, culture and health, and how these cultural constructions translate and define representations of female health. Finally, we focus on understanding the cultural representations of the body and health in the contemporary digital context.

KEY WORDS: Feminine body; Cultural Representations; Health; Virtual Social Groups; Physical education.

INTRODUÇÃO. Discutir o papel do profissional de educação física requer questões que remetem a historicidade das práticas de formação profissional, tanto individuais quanto coletivas. Em grande parte sendo essa formação em educação física um tanto quanto biológica e voltada às práticas



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



corporais, aos alongamentos, treinamentos, percentual de gordura, esportes e a utilização de tecnologias duras.

Diante do percurso histórico do corpo, das práticas corporais e da Educação Física, é necessário ampliar o conhecimento e questionar essas ligações no campo da saúde e da cultura. Em seu estudo Palma (2001) analisou as interpretações de profissionais de educação física relacionadas ao conceito de saúde, enfatizando os sentidos e significados que se constroem sobre o corpo humano desde as possibilidades de compreensão elencadas num determinado ponto de vista conceitual – estritamente biológico - sobre corpo e saúde. E também, a relação que se faz ao fazer profissional e as práticas corporais em seu sentido cultural, social ou ainda como as práticas e fenômenos heterogêneos, mas com sistemas de representação e produção de sentidos comuns aos sujeitos que as praticam por meio de linguagens (Manske; Barcelos, 2016)

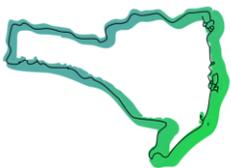
Dito isso, podemos acrescentar os avanços tecnológicos e outras práticas que adentraram sobre esse percurso após a pandemia, as redes sociais on-line têm sido bastante utilizadas por usuários de todo o mundo, facilitando a troca de experiências e conhecimentos, constituindo-se em um cenário atrativo à interação entre usuários e favorecendo a aprendizagem colaborativa e o ato de estabelecer vínculos sociais através de meio digital pode possibilitar a criação de ambientes comunitários virtuais em que os membros estabelecem laços de aprendizagem, apoio mútuo e valores compartilhados (Deng; Tavares, 2013). Tendo em vista o amplo processo de alterações e transformações sociais apresentadas pela sociedade moderna, digital em meio ao cenário pós-pandêmico exposto, coloca-se que a Educação Física, bem como todas as demais áreas de pesquisa, não deve se limitar a conceitos tradicionais e cunhados em épocas mais distantes (Manske, 2022).

Logo, a delimitação do tema da pesquisa que aqui se apresenta se relaciona justamente a necessidade de um processo urgente de desconstrução e dissociação da Educação Física à forma física e as questões puramente biológicas. É nessa direção que Andrade (2003) entende que o corpo é um constructo histórico, social e cultural, produzido de diversas formas em tempos e lugares diferentes e que as práticas culturais sobre os corpos femininos atuam como referentes culturais para que possamos nos compreender como sujeitos de um determinado projeto corporal.

Assim, diante das problematizações elencadas, o objetivo desta pesquisa é mapear as representações culturais de corpo e práticas de saúde desenvolvidas em um grupo social virtual de aplicativo de mensagens.

Tomando os Estudos Culturais como campo teórico-metodológico em que se assenta este estudo e, por conseguinte, as análises, retomo alguns apontamentos sobre os conceitos que orientaram as discussões seguintes, em especial, o de representação cultural. Para Hall (1997), é através do modo como representamos as coisas nos diferentes espaços sociais e culturais que elas adquirem significados. Foi a partir desta noção que organizamos as discussões, considerando os objetivos propostos para este estudo.

MATERIAIS E MÉTODOS. O presente estudo adota uma abordagem qualitativa de pesquisa com o objetivo de responder a problematização elencada. A pesquisa foi realizada em um ambiente virtual, em um grupo de mulheres participantes de um grupo social virtual no aplicativo *WhatsApp*, originado a partir da rede social *Instagram*. As participantes têm idades entre 35 e 60 anos, devido à predominância dessa faixa etária no grupo. Os critérios de inclusão incluíram a participação voluntária e a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após a qualificação do projeto pelo Programa de Mestrado Profissional em Saúde e Gestão do Trabalho da UNIVALI, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNIVALI, que o aprovou em 15/08/2022 (parecer 5.582.666). Por seguinte, após a aceitação das participantes, foram agendadas entrevistas



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



divididas em seis blocos, cada um focado em responder aos objetivos da pesquisa. As entrevistas foram transcritas e analisadas com base no conceito de representação dos Estudos Culturais.

Por representação se entende a forma como se constrói o significado por meio da linguagem. A representação é uma prática de significação cultural. Os signos são organizados em linguagens, a existência de linguagens comuns nos possibilita traduzir nossos pensamentos e conceitos em palavras e sons ou imagens e depois usá-los enquanto linguagem para expressar sentidos e comunicar pensamentos a outras pessoas (Hall, 1997). Tomando tal concepção como norteadora das análises empregadas, discuti o material produzido a partir deste conceito.

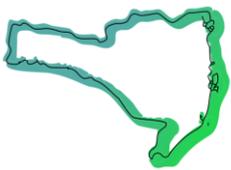
RESULTADOS. De acordo com a teoria construcionista apresentada por Hall (1997), a linguagem é tomada como um produto e produtor cultural em que os significados são construídos através dos sistemas de representação. Desta maneira, a representação é uma prática de significação que funciona como linguagem, na qual atribuímos sentidos e significados ao mundo. Foi a partir desta noção que organizei as discussões seguintes, e considerando os objetivos propostos para este estudo, esta sessão está distribuída em duas seções de análises, a saber, “Representações de corpo”, “Representações de saúde, com a intenção de tensionar as produções empíricas das entrevistas com as participantes do grupo de aplicativo de mensagem.

Sobre as representações de corpo as análises dos excertos das entrevistas permitem problematizações de práticas de representação cultural acerca do corpo, suscitadas pelas participantes. De modo geral, é possível indicar que as representações de corpo do grupo de mulheres e seus significados são construídos a partir da linguagem. Para Hall (1997), é através do modo como representamos as coisas nos diferentes espaços sociais e culturais que elas adquirem significados. Assim, entendemos, neste estudo, que o corpo feminino é significado através da linguagem e da representação, sobre aquilo que se faz possível de entender o corpo, em sua construção de redes de significação. Aqui, o que mais foi recorrente se refere as dicotomias do corpo, sejam essas bonito/feio, gordo/magro, saudável/doente, aceitável/inaceitável. Tais problematizações são possíveis de serem realizadas mediante trechos das falas das participantes quando questionadas sobre o que achavam do seu corpo, se gostavam do seu corpo e se estavam satisfeitas, ou ainda, como viam o seu próprio corpo, tal como os seguintes excertos de P1¹: “Estou melhor, mas não estou no ideal, meu ideal é perder mais 8 quilos”; e ainda: “Hoje gosto, meus peitos, saiu um pouco de gordura²” (P1). P2: “Eu gosto e estou satisfeita sabe.... Do que era antes, outra pessoa, mas tenho que fazer alterações ... na composição corporal sabe...”. E por fim, destacamos P6: “Mas, eu não me sinto feliz com meu corpo quando preciso escolher roupas, e quando olho sei que tem muita gordura”.

No processo de articulação destas narrativas a percepção de corpo desempenha um papel relevante e Albuquerque *et al.* (2021) entendem que a Imagem Corporal (IC) refere-se às percepções, pensamentos e sentimentos do indivíduo sobre a aparência do seu próprio corpo, e ainda nesta perspectiva, Rodgers, Salès e Chabrol (2010), refletem sobre a influência de diversos fatores, tais como a mídia, o humor, as emoções, a autoestima e as influências do meio cultural e social na vida das pessoas e esta imagem corporal pode variar ao longo da vida, moldando e influenciando as ações dos indivíduos em função daquilo que se considera “normal” e aceitável de acordo com o ambiente social em que estão inseridos.

¹ A fim de manter o anonimato das participantes elas foram nomeadas como (Participante) P1, P2, P3 e assim sucessivamente.

² Utilizaremos *itálico* para demarcar as falas das participantes e assim distingui-las dos excertos de material teórico e citações de literatura.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



Por essa lógica, se ter excesso de peso e acúmulo de gordura significa estar fora dos padrões de beleza e a preocupação com o ser/estar diferente torna-se presente na vida dessa pessoa, como se referem Silva e Lange (2010), consiste que muitos sentimentos são envolvidos nesta interface da aparência corporal, em destaque a insatisfação, a depreciação, a distorção e a preocupação com a imagem do corpo apresentada à sociedade (Macedo *et al.*, 2015). Ademais, Hall (1997) destaca que o corpo é uma construção social, ou seja, não há um corpo natural ou universalmente aceito como padrão. Ao contrário, o corpo é construído culturalmente.

Não obstante, outras participantes também trouxeram o tema do peso, gordura e autoimagem. Quando questionadas sobre “o que mais te incomoda no seu corpo?”, responderam o seguinte: “A gordura na barriga e nas costas...” (P2); “Barriga né! Aquela bolinha de gordura, a flacidez, celulite, estrias tem mulher que liga, eu não muito, estrias eu já aceitei” (P3); e ademais: “Eu não estou contente com ele, eu engordei uns quilos na pandemia que eu não consegui reverter ainda né, não consegui eliminar nada, então hoje realmente eu estou incomodada” (P4); e por fim “Como emagreci bastante, tenho pele em excesso que não gosto e não gosto da barriga e das pernas flácidas” (P5).

Essas falas, realizadas no momento da conversa sobre as relações das participantes sobre seus corpos, desde a participação no grupo de aplicativo de mensagens, são práticas culturais de significação que atuam na construção de significados como sistemas de representação sobre seus corpos, na medida em que mobilizam elementos culturais mais amplos para poderem falar de si mesmas. Tal como referem Souza *et al.* (2013, p. 62), ao analisar imagens e representações do corpo da mulher em revistas brasileiras:

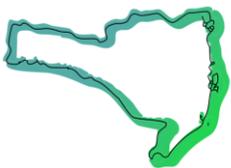
A influência da mídia na construção do corpo ideal ganhou força e ampliou a paixão pela moda, expandiu o consumo de produtos que garantem um corpo belo e tornou a aparência física uma dimensão essencial da identidade feminina, inaugurando um novo momento na história da beleza.

É nessa direção que Andrade (2003) entende que o corpo é um constructo histórico, social e cultural, produzido de diversas formas em tempos e lugares diferentes e que as práticas culturais sobre os corpos femininos atuam como referentes culturais para que possamos nos compreender como sujeitos de um determinado projeto corporal, neste caso, o da perda de peso como projeto de magreza. Assim, sob a perspectiva construcionista de Hall (1997), podemos identificar a influência da cultura e da linguagem na construção da autoimagem da entrevistada.

Ao afirmar que seu ideal é perder mais 8 quilos, a entrevistada demonstra uma internalização das expectativas culturais de magreza e beleza. Essas expectativas são construídas socialmente e reforçadas por meio de imagens e mensagens transmitidas pela mídia e pela sociedade em geral. O corpo parece ser algo simples a olho nu, mas se mostra complexo ao analisarmos todo seu contexto, suas nuances e aspectos que podem interferir ao longo do tempo. Talvez poderíamos arriscar em dizer que um corpo está para uma sociedade da mesma forma que a sociedade está para o corpo, ou seja, as construções sociais do corpo dependem de onde ele está inserido e de onde vem suas influências (Vieira; Manske, 2022).

Ainda sobre o corpo feminino e as relações de poder que operam em sua construção, Colling (2015, p. 370) reflete que:

O corpo feminino, foi inventado por diversos discursos normatizadores que evidenciaram o homem como referência de perfeição. Através das narrativas, um corpo foi exaltado e o outro desqualificado, estabelecendo uma relação de poder naturalizada. A partir dos discursos foram perpetuadas concepções, presentes até os dias atuais, que tentam deslegitimar as mulheres como seres curiosos, indiscretos, vaidosos, invejosos e históricos.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



Sobre este tópico, cabe referir o estudo de Souza (2020) que realizou uma pesquisa para analisar à insatisfação de mulheres com sua imagem corporal. Utilizando a escala de silhuetas (silhueta atual - silhueta ideal) verificou que do total de 182 mulheres investigadas, 66 (75,9%) da amostra desejavam diminuir sua silhueta corporal (estavam insatisfeitas), já 14 mulheres (16,1%) não desejavam mudança alguma (estavam satisfeitas) e 7 mulheres (8%) desejavam uma silhueta maior (estavam insatisfeitas). Assim, nesta amostra, grande parte das mulheres se encontram insatisfeitas quando analisadas pela escala de silhuetas (83,9%).

Em suma, ao analisar as falas das entrevistadas que participaram de um grupo de aplicativo de mensagens à luz dos estudos culturais, observamos que as práticas culturais, a cultura e a sociedade, moldam a forma como as mulheres na atualidade constroem os significados próprios sobre a representação de corpo e a adequação deste corpo das entrevistadas (o feminino) ao ideal construído e prometido pela cultura é representada como um imperativo inescapável para que a mulher alcance um determinado corpo e se encaixe em determinados padrões.

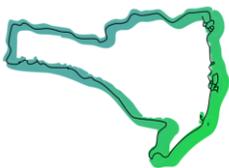
Sobre os resultados de Representações de saúde: A saúde feminina é um tema relevante e complexo, que envolve não apenas aspectos biológicos e fisiológicos, mas também culturais e sociais. A compreensão das representações culturais de saúde feminina é fundamental para a promoção de uma abordagem mais ampla da saúde, que leve em consideração as diversas experiências e perspectivas das mulheres. Nesta seção, as representações culturais de saúde feminina a partir dos estudos culturais, bem como de trabalhos correlatos e dos discursos das mulheres participantes do grupo de aplicativos de mensagens “Maratona da Beleza”.

Nesse sentido, a produção dos signos culturais a partir das práticas de representação pode ser analisada a partir da articulação de dois elementos: o significativo, que é a forma como a informação se apresenta (palavra, imagem, foto) e o significado, que é o conceito resultante desta relação. Os dois são necessários para produzirem sentido, mas é a relação entre eles, de acordo com uma determinada cultura, código ou linguagem, que dá base a representação. Hall (1997) argumenta que um signo nunca apresenta um sentido fixo ou essencial, mudando de acordo com o contexto e o tempo.

Nesta pesquisa, ao questionar as participantes sobre o que era saúde, percebeu-se que elas demonstram como constroem representações de saúde através das práticas de significação: “*Eu como verduras, minha comida está mais saudável, não como arroz e nem macarrão, achei que seria impossível pra mim*” (P1). “*Beber água, comer saudável, dormir bem, ir pra academia*” (P5).

Dito isso, ambas participantes demonstram a percepção da alimentação e do cuidado com o corpo que foram construídos ao longo da história, por meio da linguagem, inserido nas mídias, na própria tradição da cultura higienista, nas culturas do corpo e do que é saudável.

No que se refere as questões da alimentação, uma participante relaciona saúde com a diminuição de açúcar: “*O açúcar faz mal e não é saudável*” (P6)! Andrade (2002), em seus estudos, reflete que na contemporaneidade o açúcar no supermercado e também nas mesas das pessoas tem sido substituído por produtos *light e diet*, sendo as mulheres uma parcela da população que estão constantemente em busca pela boa forma e enredadas pelos discursos de mudanças alimentares e pela preocupação com o ganho de peso, percentuais de gordura, melhora da imagem física e de “ser saudável”. Tais narrativas contribuem para que essas mulheres optem por esses tipos de alimentos com pouco açúcar, pouca gordura, *shakes*, chás e até mesmo medicamentos para controle do apetite. Segundo os estudos de Sauerbronn, Teixeira e Lodi (2019) e Santos *et al.* (2020), que analisaram o engajamento das práticas de consumo de alimentos, constituem sobre essa articulação entre corpo e saúde um cenário político-econômico mais abrangente, que deve ser problematizado nas relações de poder da mídia sobre o corpo. Além do mais, as representações de saúde e as práticas contemporâneas que as constroem, vislumbrando



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



e associando a estética corporal e o bem estar das pessoas atrelados a esse mercado de consumo, devem ser igualmente problematizadas.

Hall (1989) enfatiza que as representações da saúde são moldadas por discursos e práticas que são usados para controlar e gerenciar corpos e doenças. Afirma que "os discursos sobre a saúde são discursos sobre o poder: como ele é exercido, como é contestado, onde ele é localizado e que efeitos ele produz" (Hall, 1989, p. 157).

Diante do exposto, na pesquisa, quando questionadas "O que é saúde para você?", as participantes indicaram práticas de representação de saúde mediante construção de práticas culturais em que as atividades físicas e os exercícios físicos faziam parte deste conjunto de significados, e expressaram nestas palavras: "Ir pra academia, ter condições para fazer isso pra não ter dores, doenças e ficar triste" (P5). "Academia, atividades físicas eu queria ter energia e habilidade pra andar de bicicleta, pra jogar futebol com meu neto" (P6).

Dito isso, as práticas culturais de exercícios físicos estão relacionadas à saúde de diversas formas, desde a prevenção de doenças crônicas até a promoção de uma vida mais longa e na diminuição de percentuais de gordura, por um viés estritamente biológico. No entanto, é importante destacar que a cultura também influencia a forma como os exercícios físicos são praticados, e sua relação com as construções de saúde.

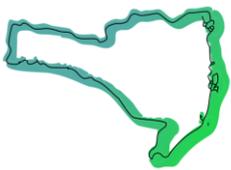
Assim como nas representações de corpo, o termo gordura e emagrecimento apareceram também nas representações de saúde. Ao responder o que é saúde a P6 assim destaca: "Eu acho, que muita gordura não é saudável". Se nesse aspecto as representações de saúde feminina encontram-se relacionadas a beleza feminina, e vice e versa, e conforme os estudos de Cash (2012), a exposição a padrões irreais de beleza pode levar a baixa autoestima e distúrbios alimentares, como anorexia e bulimia. E ainda, tal como constataram Bury, Tiggemann e Slater (2016), o uso de redes sociais, tal como o *Facebook*, pode aumentar a preocupação das adolescentes com a aparência física e a imagem corporal. Conforme aponta Andrade (2002, p. 15):

Esse corpo que está sendo ressignificado não é mais tão natural quanto se pensou (ou se quis fazer crer) durante vários séculos e como ainda é representado, na maioria das vezes, pela publicidade e em alguns veículos que fazem alusão ao corpo na articulação entre saúde e beleza.

Esses estudos mostram que a beleza está associada às representações de saúde das mulheres, no entanto, é importante ressaltar que a relação entre beleza e saúde é complexa e multifacetada. Nesse sentido, Hall (1997) argumentou que as normas de beleza são construídas socialmente e que a mídia desempenha um papel importante na perpetuação dessas normas. Também observou que as normas de beleza mudam com o tempo e variam entre as culturas, o que sugere que a beleza não é um conceito absoluto, mas sim, relativo.

Nesse ínterim, as mudanças no corpo têm sido influenciadas pela medicalização da vida, pela busca da juventude eterna e pela imposição de padrões estéticos cada vez mais rigorosos. Os estudos de Goellner (2003, p. 11) destacam que o "corpo é hoje um objeto de consumo e está inserido em um mercado global que se preocupa em disseminar modelos hegemônicos de beleza e saúde". Tomando tais apontamentos, segue alguns registros de fala: P2 ao responder o que era saúde diz que "Saúde... Envolve tudo né, saúde emocional, saúde física, não adianta cuidar só por fora..." "Hábitos bons, não usar medicamentos, ter disposição e energia".

Ao associar saúde aos hábitos bons e não utilizar medicamentos, constrói a representação do que é saúde partindo de sua cultura, e desta forma assume a responsabilidade sobre sua saúde, sem



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



considerar todos os aspectos culturais em que está inserida. Ainda nesse sentido ao ser questionada sobre o mesmo tópico, P1 destaca: “*As pessoas procuram doenças, todo mundo sabe o que precisa fazer: Caminhar, beber água ...*”.

Diante dessa suposta medicalização da vida e de modelos hegemônicos que englobam a saúde feminina, devemos entender que o higienismo, segundo Foucault (2004), é uma técnica de poder que se estabeleceu no século XIX, a fim de regular a vida dos indivíduos, impondo normas de higiene e saúde. Essa ideia está relacionada aos estudos culturais, que buscam compreender como as práticas culturais afetam a vida dos indivíduos e como as pessoas constroem suas identidades a partir de suas experiências culturais (Hall, 1997).

Em suma, os estudos culturais nos trazem a sensibilidade para compreender as representações culturais de saúde feminina e o que opera por dentro dessa produção ativa de sentidos e das relações de poder, e que a cultura nos mostra o quanto os modos de vida são construídos e reconstruídos e permite entender os emaranhados entre gênero, cultura e saúde, e como essas construções culturais traduzem e definem as representações de saúde feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS. Ao longo desta pesquisa busquei mapear as representações culturais de corpo e saúde feminino. No decorrer da pesquisa, observei que as representações culturais de corpo e saúde feminino são multifacetadas e influenciadas por uma série de fatores que podemos chamar de práticas culturais, incluindo mídia, sociedade, culto ao corpo, práticas corporais, mercado de consumo, medicalização da vida e dos corpos que constroem a cultura de padrões estéticos e pressões sociais. Identifiquei uma diversidade de ideais de corpo e saúde presentes nas discussões realizadas nos grupos de aplicativos de mensagens, desde a busca pela magreza extrema até a valorização da saúde e do bem-estar como um todo. Essas representações revelam a complexidade e a pluralidade de perspectivas existentes no âmbito da saúde feminina e na construção do corpo.

A análise realizada neste trabalho evidenciou a relevância de uma abordagem crítica e reflexiva em relação às representações culturais de corpo e saúde feminino. É imprescindível que se reconheça a diversidade de corpos e experiências das mulheres, evitando a imposição de padrões inalcançáveis e a pressão para a conformidade estética.

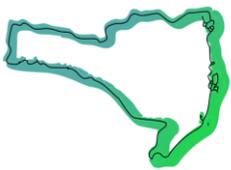
Para avançar nessa temática, são necessárias mais pesquisas que abordem as representações culturais de corpo e saúde feminino em diferentes contextos socioculturais. Além disso, é essencial a criação de políticas públicas que regulamentem a disseminação de informações relacionadas à saúde nas plataformas digitais, visando a proteção e o cuidado dos usuários.

Por fim, espero que este trabalho tenha contribuído para uma reflexão crítica e consciente sobre as representações culturais de corpo e saúde feminino. A partir dessas reflexões, é possível direcionar esforços para promover uma abordagem mais inclusiva, respeitosa e responsável em relação ao corpo e à saúde das mulheres.

Referências

ALBUQUERQUE, L. da S. *et al.* Fatores associados à insatisfação com a Imagem Corporal em adultos: análise seccional do ELSA-Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 26, n. 5, p. 1941-1954, mai. 2021.

ANDRADE, S. dos S. Saúde e beleza do corpo feminino: algumas representações no Brasil do século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 119-143, jan./abr. 2003.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



ANDRADE, S. dos S. **Uma boa forma de ser feliz:** representações de corpo feminino na revista Boa Forma. Orientadora: Dagmar Estermann Meyer. 2002. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

BURY, B.; TIGGEMANN, M.; SLATER, A. The effect of digital alteration disclaimer labels on social comparison and body image: Instructions and individual differences. **Body image**, v. 17, p. 136-142, 2016.

COLLING, A. M. 50 anos da ditadura no Brasil: questões feministas e de gênero. **OP SIS**, v. 15, n. 2, p. 370-383, 2015.

DENG, Liping; TAVARES, Nicole Judith. From Moodle to Facebook: Exploring students' motivation and experiences in online communities. **Computers & Education**, v. 68, p. 167-176, 2013.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

GOELLNER, S. S. Corpo e cultura: as diversas leituras do corpo ao longo da história. **Revista da Educação Física**, v. 14, n. 1, p. 5-12, 2003.

HALL, S. Foucault: power, knowledge, and discourse. *In*: HELD, D.; THOMPSON, J. B. (eds.). **Social theory of modern societies: Anthony Giddens and his critics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 157-176.

HALL, S. The work of representation. *In*: HALL, S. (org.). **Representation cultural**. London: Sage/Open University; New Delfhi: Thousand oaks, 1997.

MACEDO, T. T. S. *et al.* Percepção de pessoas obesas sobre seu corpo. **Escola Anna Nery**, v. 19, p. 505-510, 2015.

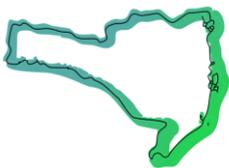
MANSKE, George Saliba. Práticas corporais como conceito?. **Movimento**, v. 28, p. e28001, 2022.

MANSKE, G. S.; BARCELLOS, T. S. Práticas corporais medicalizantes: diagnosticando a Revista Vida Simples. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 233-246, jan./mar. 2016.

MARTES, A. C. B.; JURBERG, C. (orgs.). **Cultura e Saúde: práticas, saberes e sentidos**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012.

PALMA, A. Educação Física, corpo e saúde: uma reflexão sobre outros “modos de olhar”. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, v. 22, n. 2, p. 23-39, 2001.

RODGERS, RF; SALÈS, P.; CHABROL, H. Funcionamento psicológico, pressão da mídia e insatisfação corporal entre universitárias. **Revista Europeia de Psicologia Aplicada**, v. 60, n. 2, pág. 89-95, 2010.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



SANTOS, V. C. A. *et al.* Obesidade: representações culturais do corpo obeso no Brasil e na França. **Educação em foco**, p. 421-442, 2020.

SAUERBRONN, J. F. R.; TEIXEIRA, C. dos S.; LODI, M. D. de F. Saúde, estética e eficiência: relações entre práticas de consumo de alimentos as mulheres e seus corpos. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 17, p. 389-402, 2019.

SILVA, Guidélia Aparecida da; LANGE, Elaine Soares Neves. Imagem corporal: a percepção do conceito em indivíduos obesos do sexo feminino. **Psicol. argum**, p. 43-54, 2010.

SOUZA, M. R. R. *et al.* Droga de corpo! Imagens e representações do corpo feminino em revistas brasileiras. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 34, p. 62-69, 2013.

SOUZA, D. de O. A pandemia de COVID-19 para além das Ciências da Saúde: reflexões sobre sua determinação social. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 25, n. suppl 1, p. 2469-2477, 2020.

VIEIRA, A. G. F.; MANSKE, G. S. Mídia e medicalização do corpo e da saúde em mulheres praticantes de exercícios físicos em academia. **Pensar a Prática**, v. 25, e72944, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/72944>. Acesso em: 15 jan. 2023.